



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 27/10/2017

BRASIL	2
Mercado de hacienda para faena continúa bajo presión	2
Aumentó el precio minorista de la carne bovina después de varios meses de estabilidad	2
Costo de insumo para la producción de granos es el mayor del Mercosur	2
Mato Grosso do Sul JBS hizo un acuerdo para reabrir frigoríficos y Marfrig arrendó una planta.....	3
Decreto que centraliza la inspección animal se conocerá a la brevedad	4
Aftosa: comienza la segunda etapa del programa. Paraná quieren anticipar el fin de la vacunación.....	4
Lanzaron Plan de Estratégico que planea dejar de vacunar contra la Aftosa en 2023	5
Brasil líder en la exportación Halal planea incrementar sus exportaciones hacia países musulmanes	5
URUGUAY	6
Oferta de ganado gordo aparece en cuentagotas.....	6
Demanda mundial de carne vacuna mejora valores de la hacienda gorda	7
Exportaciones uruguayas de carnes crecieron 11% en 2017	7
Inicia el desembarco de las primeras cuadrillas de faena kosher a la región	7
Uruguay fue el principal proveedor de carne cuota 481 en 2016/17.....	8
Finalizó misión de Japón al complejo cárnico uruguayo	8
Llegó misión China a Uruguay para habilitar nuevas plantas frigoríficas	9
Opiniones encontradas sobre proceso de certificación de carne a China	9
PARAGUAY	10
Concluyó Reunión De Representantes De Siete Países (International Beef Alliance).....	10
Preocupa futura comercialización de carnes hechas en laboratorios	10
UNIÓN EUROPEA	11
Acuerdo UE – MERCOSUR	11
Comisión publicó un informe sobre la última ronda de negociaciones. Ratificó intención de firmar el acuerdo	11
Ganaderos irlandeses a favor de la posición francesa frente al Acuerdo UE Mercosur	11
BREXIT: productores británicos solicitan apurar las negociaciones	12
Bienestar animal y el Brexit centran los temas de la 66ª asamblea de la UE CBV	12
ESTADOS UNIDOS	13
Opiniones encontradas sobre la futura evolución de los precios de la hacienda bovina.....	13
Ingreso de vacunos a corrales en los niveles más altos de los últimos años	14
Mayores stocks de carnes que doce meses atrás	14
Aumento de las existencias potenciaría la recría	15
Acciones de promoción estimulan ventas de carnes bovinas y porcinas en JAPON	16
VARIOS	16
BOLIVIA Se abre la puerta para la exportación de carne a RUSIA y CHINA	16
NAFTA: se demora su renegociación.....	16
CHILE Quejas por el posible monopolio en la venta de carne a nivel sudamericano.....	17
EMPRESARIAS	17
JBS nombra a Jeremiah O'Callaghan como presidente del Consejo de Administración.....	17
JBS firmó un acuerdo con la Comisión Parlamentaria de Mato Grosso do Sul	18
Juez suspendió el bloqueo de fondos a los Hermanos Batista.....	18
Marfrig aclara sobre la Operação Acrônimo.....	19
Cargill adquiere empresa de nutrición animal en Brasil, amplia su foco en bovinos	19



BRASIL

Mercado de hacienda para faena continúa bajo presión

Sexta-feira, 27 de outubro de 2017 - O viés de baixa persiste, principalmente em São Paulo onde a cotação do boi gordo caiu 1,4% nos últimos sete dias.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, no estado, a arroba do boi gordo ficou cotada em R\$137,00, à vista, livre de Funrural na última quinta-feira (26/10).

A oferta de boiadas não está grande, mas o consumo de carne vermelha também não. Diante desse cenário modorrento, o mercado está largado, sem firmeza.

Aliás, o consumo de carne bovina esteve estagnado o mês inteiro.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, a cotação do boi casado de bovinos castrados caiu e está cotada em R\$9,23/kg. Queda tímida na comparação com o fechamento do dia anterior (0,2%), porém, esse movimento indica a baixa procura na ponta final da cadeia.

Aumentó el precio minorista de la carne bovina después de varios meses de estabilidad

25/10/17 - por Equipe BeefPoint Foi registrada queda de 1,0% nos preços da carne bovina em São Paulo, de 1,5% no Paraná, estabilidade em Minas Gerais e queda de 1,6% no Rio de Janeiro, na última semana. Apesar das quedas, nos açougues e supermercados paulistas, ao contrário do que acontece no atacado, o preço médio nas três primeiras semanas de outubro é 1,6% maior que o de setembro e 2,3% que o de agosto.

Está claro que os varejistas têm ajustado, ao máximo, suas compras à situação atual de demanda. Isso representa vendas mais lentas dos frigoríficos e menor interesse por boiadas, limitando as valorizações.

Fonte: CenárioMT, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Costo de insumo para la producción de granos es el mayor del Mercosur

26 de outubro de 2017 - Segundo levantamento da Farsul, produtor brasileiro de grãos chega a ter custo 32% maior do que uruguaio e até 79% acima do registrado por argentinos

Os produtores brasileiros pagam, em média, 86% mais caro por insumos em virtude da carga tributária e burocracias associadas à importação de máquinas, fertilizantes, defensivos e demais produtos necessários para a produção. O resultado é uma competitividade reduzida tanto no mercado doméstico quanto nos mercados internacionais, aponta estudo apresentado pelo Sistema Farsul. O levantamento revelou disparidades entre os custos de produção agrícola no Brasil e em outros países do Mercosul. Também foi elencado o peso da carga tributária que incide sobre os bens de produção no país.

O custo de se produzir grãos no Brasil chega a ser, em média, 79% mais caro que o custo argentino e 32% mais oneroso que o uruguaio. O peso dos impostos, somado à queda nos preços das commodities, vêm causando redução no lucro do produtor. "As dificuldades de adquirir insumos do exterior agrava ainda mais a situação, que já causa o aumento do desinteresse do produtor pelo trigo", diz o relatório.

O presidente da Comissão do Arroz da Farsul, Francisco Schardong, alerta que a manutenção desse quadro pode causar, em breve, impactos no cultivo do arroz. "Os resultados de safra que temos este ano são graças ao empenho do produtor de buscar cada vez mais a produtividade. Mas estamos enfrentando uma situação de safra cheia e bolso vazio. O produtor vem diminuindo cada vez mais a sua margem e está vendendo até abaixo do custo de produção para poder sobreviver".

Segundo o economista-chefe do Sistema Farsul, Antônio da Luz, a competitividade do produtor brasileiro é prejudicada pelas dificuldades impostas na importação. Enquanto argentinos e uruguaios podem adquirir insumos a preço de mercado internacional, no Brasil a compra de máquinas e equipamentos e outros produtos sofre algumas restrições. "As requisições de inspeções e liberações de departamentos técnicos, além da incidência de taxas, impostos de importação, PIS/Cofins, ICMS são mecanismos que fecham o país para a livre concorrência", coloca da Luz. Ele afirma que uma das soluções seria remover os entraves burocráticos para que os produtores brasileiros consigam diminuir os seus custos de produção ao acessar produtos nos mercados que tiverem as melhores ofertas.

Foram analisados, a partir de dados de 2013 da Farsul, ainda os tributos que incidem sobre insumos, serviços agrícolas, manutenção e distribuição e colheita em quatro culturas. O estudo concluiu que o maior peso está na produção do arroz, já que os impostos para o cultivo deste grão representam 30,26% do custo total. Na sequência vem o milho (27,10%), soja (27,05%) e trigo (26,21%). A categoria de manutenção e distribuição representou uma das etapas com o percentual mais alto de taxas, com 38,7% no caso do arroz e 35,83% no do milho.

Na fase da colheita, os tributos representam 35,83% do custo de produção em todas as culturas analisadas. Ao analisar o caso de produtos específicos, verifica-se um desequilíbrio entre os grupos que compõem a cesta estudada, enquanto os fertilizantes e máquinas apresentam uma diferença menor de



preço, os agroquímicos (fungicidas, inseticidas e herbicidas) no Brasil têm um preço em média 107% maior que na Argentina e Uruguai.

No caso de máquinas agrícolas, o estudo revela que o preço cobrado por estes equipamentos poderia ser reduzido em um quarto se houvesse isenção de impostos para bens de capital, a exemplo do que ocorre em outros países. Já os adubos, fungicidas e pesticidas poderiam ser diminuídos 20%. A base dos preços foi a divulgada pela Companhia Nacional de Abastecimento. Confira a nota técnica em: <http://bit.ly/2lg6bnz>.

Mato Grosso do Sul JBS hizo un acuerdo para reabrir frigoríficos y Marfrig arrendó una planta

23/10/17 - por Equipe BeefPoint A JBS confirmou que chegou a um acordo para reabrir sete frigoríficos de bovinos em Mato Grosso do Sul. Os frigoríficos da companhia estão fechados desde a última quarta-feira. Os abates serão retomados na terça-feira, dia 24, no Estado.

Mato Grosso do Sul é o segundo Estado mais importante para o negócio de carne bovina da JBS e o principal polo de produção de carne de qualidade da companhia.

A decisão foi tomada em reunião realizada na sexta-feira, na sede do governo estadual, em Campo Grande. De acordo com a assessoria de Azambuja, participaram do encontro representantes da JBS, de parlamentares, do governo de Mato Grosso do Sul e também da Justiça Estadual.

A JBS não detalhou as condições do acordo. Mais cedo, a assessoria do governador havia afirmado que a JBS teria aceitado trocar as garantias para ter os R\$ 720 milhões desbloqueados pela Justiça. O montante — parte em imóveis — foi bloqueado judicialmente nas últimas duas semanas a pedido da CPI da Assembleia Legislativa que investiga irregularidades no âmbito tributário.

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint.

23/10/17 - por Equipe BeefPoint Em 2015, a Marfrig, segunda maior empresa do setor de carnes no país, fez um plano: iria encolher para voltar a crescer apenas lá por 2018.

Mas a Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, que abalou seus concorrentes, e a crise na JBS anteciparam seu projeto. Enquanto outras empresas encolheram, a Marfrig acaba de reabrir cinco frigoríficos para praticamente dobrar sua produção.

A Marfrig, que é dona de marcas de carnes como Bassi e Montana, voltou a operar nos municípios de Nova Xavantina (MT), Pirenópolis (GO), Paranaíba (MS), Alegrete (RS) e Ji-Paraná (RO).

A companhia começou 2017 com capacidade de abate de 170 mil cabeças de gado por mês. Com a expansão, calcula que terminará o ano com capacidade de 300 mil cabeças por mês. A estimativa de geração de empregos é de 4.500 vagas.

Além das novas unidades, a empresa decidiu abrir um segundo turno de operação da unidade de Mineiros (GO) e concluiu na quinta-feira (19) o arrendamento de um frigorífico em Pontes e Lacerda (MT), ainda sem prazo de abertura definido.

O presidente da companhia, Martin Secco, disse que o atual projeto de expansão é anterior aos eventos que abalaram seus principais concorrentes neste ano.

Parte da ampliação de capacidade corresponde a um resgate de cinco fábricas que haviam sido fechadas em 2015, num momento de baixa oferta de gado.

A reabertura era projetada inicialmente para o fim deste ano ou para 2018. Mas, com o cenário que surpreendeu o mercado em 2017, os planos se anteciparam, permitindo uma reabertura em 90 dias, tempo considerado recorde.

Questionado, Secco evita fazer associação direta entre o crescimento da Marfrig e as dificuldades da JBS, mas seus cálculos sinalizam uma correlação. “Nós crescemos 25%, mas o volume de abate nacional não mudou”, diz.

Segundo o executivo, o mercado como um todo mudou em abril, após a Carne Fraca. “Veio uma indefinição, com fortes dificuldades durante duas ou três semanas.”

A Carne Fraca foi vista no início como uma avalanche para todo o setor, influenciando preços internos e o volume exportado, com o fechamento de alguns mercados externos. Meses depois, porém, o aumento da oferta de gado se transformou num acelerador para as inaugurações da Marfrig.

O retorno dessas unidades deve vir em cerca de 12 meses, pelas expectativas da companhia, que conta com a recuperação econômica e aguarda a reabertura do mercado americano de carne ainda neste ano.

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

23/10/17 - por Equipe BeefPoint

Em meio à estratégia de expansão dos negócios de carne bovina, a Marfrig Global Foods fechou acordo na semana passada para arrendar o frigorífico que a Arantes Alimentos, que está em recuperação judicial, tem em Pontes e Lacerda, na região sudoeste de Mato Grosso.

No mês passado, o Valor antecipou que a Marfrig estava negociando o arrendamento da unidade, cuja capacidade diária de abates é de 800 cabeças – mais de 15 mil bovinos por mês. Já o arrendamento do



frigorífico da Arantes em Nova Monte Verde (MT), que também estava em negociação, não prosperou em razão de problemas documentais, apurou a reportagem.

Ainda não há previsão para o início dos abates em Pontes e Lacerda. A planta, que estava arrendada à JBS até o início deste ano – quando foi devolvida à Arantes -, está fechada há anos. Para retomar os abates, a Marfrig terá de fazer obras de manutenção e pedir novas licenças de funcionamento e para a exportação.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Decreto que centraliza la inspección animal se conocerá a la brevedad

25/10/17 - por Equipe BeefPoint O diretor do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura (Dipoa), José Luís Vargas, disse hoje que o decreto que o governo prepara para centralizar o sistema de A publicação vem sendo prometida há quase três meses pelo ministro Blairo Maggi, como parte de um pacote de medidas para melhorar a fiscalização agropecuária no país depois da Operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal em março com foco em casos de corrupção entre fiscais agropecuários e funcionários de frigoríficos.

Conforme já informou o secretário de Defesa Agropecuária do Ministério, Luís Eduardo Rangel, o decreto deverá instituir o chamado sistema de “comando e controle” para a área de inspeção animal e acabar com a excessiva hierarquia que existe hoje na tomada de decisões nessa seara.

Na prática, a medida centraliza na sede do ministério, em Brasília, todas as ordens de serviço de fiscalização federal para frigoríficos e outras fábricas de alimentos de origem animal — como laticínios, por exemplo. Com isso, o Dipoa passará a ter controle sobre os fiscais que atuam nos frigoríficos. Hoje, esse papel é das superintendências estaduais do ministério, principais alvos da Carne Fraca.

Entre as demais mudanças no sistema de fiscalização previstas pelo ministério e que também ainda não saíram do papel estão uma Medida Provisória ou projeto de lei para criação de uma nova SDA com autonomia financeira, orçamentária e administrativa. A medida vem sendo considerada uma tentativa de “terceirização” pelo Sindicato Nacional dos Auditores Federais Agropecuários (Anffa Sindical).

A criação de um fundo abastecido com a cobrança de taxas por serviços de defesa, como emissão de certificados sanitários e fitossanitários, exames de laboratório e registro de plantas industriais, e que teria potencial para arrecadar cerca de R\$ 1 bilhão por ano, também continua nos planos.

Aftosa: comienza la segunda etapa del programa. Paraná quieren anticipar el fin de la vacunación

26 de outubro de 2017 - A partir de 1º de novembro, bovinos e bubalinos de todo o país serão deverão ser vacinados contra a doença

Começa no dia 1º de novembro a segunda etapa de vacinação contra febre aftosa de 2017. Até o dia 20 de novembro devem ser vacinados bovinos e bubalinos de todas as regiões do país, de acordo com a sua faixa etária.

Nos Estados de AM, ES, PA, PR e SP, todos os animais serão vacinados. Já em AL, BA, CE, DF, O, MA, MT, MS, MG, PB, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, SE e TO devem ser vacinados animais de até 24 meses.

O único Estado que não participa da campanha é Santa Catarina, declarado pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como área livre da doença desde 2007. Na primeira etapa de vacinação de 2017, realizada no primeiro semestre, foram vacinados mais de 192,1 milhões de animais, equivalente a 98,2% do rebanho envolvido na etapa.

A vacinação é obrigatória e os produtores têm até o dia 7 de dezembro para comunicar a vacinação ao órgão oficial de Defesa Agropecuária Estadual. É preciso também declarar todos os animais de outras espécies existentes na propriedade, tais como equídeos (equinos, asininos e muares), suídeos (suínos, javalis e javaporco), ovinos, caprinos e aves (granjas de aves domésticas, criatórios de avestruzes).

A retirada da vacinação contra a febre aftosa está prevista no Plano Estratégico 2017-2026 do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

24/10/17 - por Equipe BeefPoint Os produtores de gado do Paraná não querem esperar até novembro de 2023 para que o Estado alcance o status de área livre de febre aftosa e sim que aproveite a possibilidade deixada pelo Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA), do Ministério da Agricultura, antecipando o Gm da vacinação, para que se obtenha o reconhecimento pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) já em 2020.

Na última sexta-feira, cerca de 200 associações, cooperativas, sindicatos rurais e a Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep) entregaram ao governador Beto Richa um manifesto pedindo que o Estado prossiga no plano de antecipar o Gm da vacinação do rebanho bovino para o início do ano que vem.

Embora o Pnefa estabeleça o fim da vacinação apenas em novembro de 2020 para que o decreto de área livre da doença aconteça em 2023, deixa aberta a possibilidade de suspender antes, por zonas



geográficas, principalmente por considerar a possibilidade dos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul demonstrarem condições reais de se antecipar na transição.

A entrega do manifesto aconteceu durante a inauguração do novo frigorífico da C. Vale, em Palotina, onde o governador ouviu os argumentos de vários líderes da agropecuária paranaense.

Para o secretário estadual da Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara, o trabalho para esse reconhecimento está em andamento. “Pedimos, no início de agosto, uma auditoria orientativa ao Ministério da Agricultura, que vai acontecer em breve. A partir daí o Ministério vai atestar se nós reunimos todas as condições de fato para darmos os próximos passos”, revelou.

Lanzaron Plan de Estratégico que planea dejar de vacunar contra la Aftosa en 2023

Fonte: Mapa, adaptada pela Equipe BeefPoint.27/10/17 - por Equipe BeefPoint

O Departamento de Saúde Animal (DSA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) iniciou, em Porto Velho, os trabalhos do Plano Estratégico de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA), que prevê a retirada total da vacinação no país até 2023.

Durante três dias, desde segunda-feira (23), houve reuniões em torno do plano com integrantes do setor público e produtores dos estados de Rondônia e Acre (integrantes do Bloco 1 previsto no PNEFA), além do Amazonas e Mato Grosso, que participaram como convidados. Entre representantes de governo, a maioria eram agentes de defesa agropecuária dos estados.

Segundo o diretor do DSA, Guilherme Marques, “foram superadas as expectativas de adesão dos governos e da iniciativa privada, pois todos se conscientizaram que os prazos para a execução das etapas do PNEFA são curtos”. Marques frisou que a decisão de retirada gradual da vacinação contra a aftosa já foi tomada e que “é preciso atender aos requisitos sanitários para obter o reconhecimento da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) de país livre da doença sem vacinação”.

As diretrizes básicas do PNEFA preveem gestão compartilhada entre governos e iniciativa privada; aperfeiçoamento das capacidades do Serviço Veterinário Oficial (SVO); regionalização das ações; sustentação financeira; adequação e fortalecimento do sistema de vigilância; agilidade e precisão no diagnóstico; previsão de imunógeno (partícula, molécula estranha ou organismo capaz de induzir uma resposta imunológica) para emergências veterinárias; cooperação internacional e educação em saúde animal.

O governo de Rondônia deverá ceder servidores para os trabalhos de fiscalização previstos no plano. Mato Grosso comprometeu-se a aumentar postos de fiscalização do trânsito de animais, que poderão ser unidades móveis, como ação estratégica em função da proximidade com a Bolívia.

No plano, o país foi dividido em cinco blocos, para que seja feita a transição de área livre da aftosa com vacinação para sem vacinação. Integram o Bloco I, Acre e Rondônia; o Bloco II: Amazonas, Amapá, Pará e Roraima; o Bloco III: Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte; Bloco IV: Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe e Tocantins, e; Bloco V: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Brasil líder en la exportación Halal planea incrementar sus exportaciones hacia países musulmanes

25/10/17 - por Equipe BeefPoint Maior produtor e exportador mundial de carne bovina e segundo maior de frangos, o Brasil é também líder nas vendas de carne halal, especialmente cortada para muçulmanos. O país exporta para 22 países islâmicos, num total de 2 milhões de toneladas ao ano.

Ainda assim, as entidades representativas consideram que o setor é subestimado no país, ao produzir apenas 33% da capacidade. O potencial estimado de crescimento das exportações é de 60% até 2020.

Na semana passada, o Brasil venceu na Organização Mundial do Comércio (OMC) um contencioso movido contra a Indonésia, que impunha medidas restritivas ao comércio internacional e dificultava a entrada do frango halal brasileiro. Com a vitória, as portas de um mercado de 250 milhões de habitantes e pelo menos U\$S 70 milhões começam a se abrir.

“Nós vamos ver agora, já que havia tantas barreiras antes de chegar no ponto da negociação propriamente dita”, espera o subsecretário de Assuntos Econômicos e Financeiros do Itamaraty, Carlos Cozendey. “Temos venda de produtos halal para vários países muçulmanos, como Malásia, Arabia Saudita. Nem todos têm o mesmo tipo de certificação de produto halal mas o Brasil tem a capacidade de cumprir as exigências feitas.”

O Brasil entrou nesse ramo no fim dos anos 1970, para atender ao pequeno mercado interno. A partir de 2002, porém, os produtores brasileiros perceberam o imenso potencial mundial do setor.

“Os pequenos e médios produtores começaram a entender a importância do Oriente Médio. Estamos falando do consumo de 800 milhões de habitantes”, lembra Tamer Mansour, assessor para assuntos estratégicos da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira. “Mas se abirmos para todo o mercado islâmico, falamos de 1,6 bilhão de pessoas que procuram o corte halal. Por isso, o Brasil começou a mudar completamente a visão sobre esses mercados, que se tornaram prioritários.”



Quase 40 anos depois, as certificadoras de produção halal estão estabelecidas no Brasil e contam com o aval de entidades internacionais islâmicas. A Câmara de Comércio Árabe-Brasileira espera que a realização de grandes eventos no Oriente Médio nos próximos anos, como a Expo 2020, em Dubai, e Copa do Mundo no Catar, em 2022, vai alavancar uma nova fase do comércio halal brasileiro.

A câmara avalia que 90% dos frigoríficos brasileiros são habilitados para desenvolver a produção halal.

Fonte: RFI, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

URUGUAY

Oferta de ganado gordo aparece en cuentagotas

Octubre 27, 2017 Los negocios para el novillo pesado se concretan entre US\$ 3,12 y US\$ 3,15 por kilo Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

El mercado del ganado gordo cierra la semana con un ajustado equilibrio entre oferta y demanda. La industria viene "exigida" para conseguir los ganados y eso explica esta sexta semana consecutiva de suba en los valores para novillo y vaca gorda, coincidieron operadores consultados.

Los negocios para el novillo pesado se concretan entre US\$ 3,12 y US\$ 3,15 por kilo carcasa, con colocación fluida. Por algún ganado que reúna condiciones excepcionales se puede conseguir algún centavo más.

La oferta sigue apareciendo en cuentagotas y ya casi entrando en noviembre la expectativa está puesta en cuándo saldrá una oferta más abultada de ganado.

El buen momento forrajero y la firmeza de la exportación en pie siguen impulsando los valores de la reposición, un elemento clave en la toma de decisiones y en la formación de precios. En muchos casos, asociado a esto, el productor sigue optando por "darle más kilos" a los ganados, sin urgencia por tomar la reposición, señaló un operador consultado. Otro consignatario consideró que quien tiene ganado pronto, vende.

Con la llegada de las cuadrillas israelíes –que se está dando en estas semanas- la demanda por novillos comienza a ser más rígida. La vaca, sin embargo, sigue colocándose ágilmente y con muy buenos valores, entre US\$ 2,90 y US\$ 2,95.

En el caso de los negocios de punta las entradas a plantas industriales están en el entorno de una semana. Para las demás, pueden llegar a 15 días. "Hay alguna planta que está más espaciada en cargas, que son las que tienen precios más conservadores", explicó otro consignatario.

"Estamos en un momento en que es difícil superar este nivel de precios que estamos teniendo. Tendremos una semana más, pero en la medida que avance noviembre indefectiblemente la oferta va a aparecer", consideró.

La faena vacuna alcanzó las 40.744 cabezas en la semana cerrada el 21 de octubre. El aumento fue de apenas un 0,3% respecto a las 40.633 de la semana anterior y 14% inferior a igual semana de 2016, con 46.558 cabezas.

La participación de vacas fue superior a la de novillos por segunda semana consecutiva, con 20.948 vacas, una participación del 51,4% sobre el total, y 18.905 novillos que representaron el 46,4% del total.

El mercado sigue firme para los lanares, con una industria que "absorbe todo lo que aparece". La disponibilidad de animales es creciente, en camino al pico de oferta de noviembre y diciembre. Los negocios son fluidos para todas las categorías, aunque con entradas a plantas industriales algo más largas como hace dos semanas atrás. Las referencias se ubican entorno a US\$ 3,45 – US\$ 3,50 por kilo carcasa para cordero; US\$ 3,45 para borrego; US\$ 3,15 para capón y para la oveja entre US\$ 3,05- US\$ 3,10.

La faena ovina la semana pasada fue la más alta del año, con 25.609 animales enviados a planta, 64% más que las 15.644 cabezas de la semana previa, aunque 18% menos que las 31.056 del mismo período del año anterior.

El 66% correspondió a la categoría corderos que totalizaron 17.020 cabezas. Las ovejas faenadas fueron 5.332, casi que triplicaron las 2.383 de la semana anterior y representaron el 21% de la faena.

Carne vacuna no resistió arriba de US\$ 3.400

El precio de exportación de carne vacuna se desplomó en la semana cerrada al 21 de octubre, promediando US\$ 3.134 por tonelada, 11% menos que los US\$ 3.526 de la semana anterior. Es el valor más bajo desde la semana cerrada al 17 de junio de este año.

Entre enero y el 21 de octubre la tonelada exportada promedió US\$ 3.423 apenas por arriba de los US\$ 3.410 en igual período de 2016.

En carne ovina el valor de exportación semanal alcanzó los US\$ 4.885 por tonelada y fue el más alto desde fines de junio. Este valor es 12% superior a los US\$ 4.374 de la semana anterior. En el acumulado del año el valor de exportación promedio fue de US\$ 4.132, 0,4% por debajo de los US\$ 4.153 en mismo período del año anterior.



Demanda mundial de carne vacuna mejora valores de la hacienda gorda

26/10/2017 - Los buenos niveles de forraje y el clima son factores que también juegan a favor del productor.

El mercado de haciendas gordas continúa con una tendencia de firmeza de precios que no era esperada para esta parte del año por parte de los consignatarios de ganado. “Las correcciones semanales han ido al alza y están atadas al clima y al empuje del mercado internacional de la carne vacuna”, señaló a Rurales El País Alejandro Berrutti, director de Berrutti Negocios Rurales.

Para el cierre de la semana algunos productos han pretendido valores por encima de las preferencias pactadas por la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), dijo Berrutti. Explicó que se han mencionado cotizaciones de US\$ 3,20 a la carne pero “no han sido confirmadas”. El empresario entiende que un precio corriente por el novillo es US\$ 3,15 a la carne, mientras que las vacas se ubican en US\$ 2,90 o US\$ 2,95.

Mercado internacional. Berrutti aseguró que durante estos últimos días se han venido consolidando acuerdos de venta para la llegada del producto previo al año nuevo de China. “El país asiático es el eje principal que empuja las exportaciones de Uruguay”, agregó el broker, entendiendo que significa el “gran comprador” en volumen pero no así en valor, que sigue siendo Europa.

Exportaciones uruguayas de carnes crecieron 11% en 2017

Octubre 22, 2017 China es el principal mercado captando casi el 40% del total embarcado

Considerando el total de las exportaciones del sector cárnico nacional, en lo que va del año (al 14 de octubre) ingresaron al país US\$ 1.447 millones, lo que significa un 11% más en relación al ingreso logrado a esta altura de 2016 (US\$ 1.307,4 millones), según datos aportados a El Observador por el Instituto Nacional de Carnes.

En el caso de la carne bovina, las exportaciones aumentaron 9% si se mide en dólares y crecieron 8% en volumen (peso canal). Se embarcaron 352.413 toneladas e ingresaron US\$ 1.207,6 millones

En la carne ovina, aumentaron 37% en dólares y 38% en volumen (peso canal). Se embarcaron 10.038 toneladas e ingresaron US\$ 41,3 millones.

Las carnes bovinas explican el 83,46% del total de las exportaciones, en tanto que las de carnes ovinas son apenas el 2,86%.

Este año el precio promedio de la tonelada de carne vacuna exportada se ubica en US\$ 3.427, apenas por encima de los US\$ 3.414 del año pasado.

En el caso de la carne ovina está en US\$ 4.121 por tonelada, levemente por debajo del registro de 2016 al 14 de octubre, US\$ 4.138.

Más actividad en los frigoríficos

En relación a la faena, en la bovina hay un incremento del 5% en el acumulado de 2017 en relación a los primeros 10 meses y medio de 2016, llegando a 1.811.562 cabezas, crecimiento que en el caso de las cabezas ovinas es del 10%, totalizando en ese caso 496.521 animales faenados.

China, destino principal

En materia de mercados, siempre tomando en cuenta el total de las exportaciones cárnicas, China captó el 39,3% de los embarques, la Unión Europea el 20,9% y el Nafta el 14,9%, por mencionar los tres destinos principales.

Si se considera solo el rubro carne de vacuno, la participación de China medida en volumen crece en el conjunto de destinos al 48%, por delante del Nafta con el 18% y de la Unión Europea con el 12%. Si la medición se realiza en base a dólares China lidera con el 38% seguido por la Unión Europea con el 22% y el Nafta con el 17%.

En el caso de las carnes de ovino, medido en toneladas embarcadas el Mercosur lidera con el 42% de la captación, seguido por China con el 23% y la Unión Europea con el 17%. Si se lo mide en dólares el Mercosur es responsable del 54% de las divisas que el país obtiene seguido por la Unión Europea con el 16% y China con el 15%.

Inicia el desembarco de las primeras cuadrillas de faena kosher a la región

26/10/2017 Una industria en Uruguay cerró un contrato regular a US\$ 5.650 FOB.

Faxcarne | Luego del receso, los primeros equipos kosher de Israel comenzaron a arribar a la región esta semana para retomar su producción industrial.

Hasta el momento solo han desembarcado en Uruguay cuatro equipos especiales de faena que preveían iniciar las operaciones ayer miércoles. Fuentes indicaron a Faxcarne que está previsto que el grueso de las cuadrillas regulares arribe a la región en 15 días.

Como ha sido una constante de los últimos contratos negociados con Israel, los negocios estaban en pleno proceso de tire y afloje entre las partes. Una industria pactó un contrato regular a US\$ 5.650 FOB



para el delantero, manteniendo el valor previo al receso. Otras dos estaban “muy cerca” de cerrar a esos niveles, añadió un trader.

Las empresas paraguayas aún no han cerrado negocios con Israel, debido a que la industria pretende un piso de US\$ 5.300 FOB para cerrar nuevos contratos porque el precio del ganado se disparó en las últimas semanas, pero los importadores no quieren pagar más de US\$ 5.000 a US\$ 5.100, revelaron fuentes industriales e importadores a Faxcarne.

En Argentina también ya hubo negocios pactados a valores “estables” en un rango de US\$ 6.200 a US\$ 6.250 FOB. Un importador aseguró que el stock de carne que hay en Israel “es importante”, por lo que consideró como “probable” que en esta zafra arribe un número menor de equipos regulares a la región.

Uruguay fue el principal proveedor de carne cuota 481 en 2016/17

24/10/2017 En total se exportaron 15.792 toneladas de las 48.200 disponibles.

Uruguay se transformó en el principal proveedor de carne vacuna de alta calidad dentro de la cuota 481 – que tiene como destino la Unión Europea – durante el año agrícola 2016/17. Desde que existe este cupo sin aranceles, “fue la primera vez que Uruguay se posiciona como el principal exportador y fue origen de uno de cada tres kilos que ingresaron al bloque europeo”, explicó a Rurales El País Rafael Tardáguila, director de Faxcarne.

El analista de mercados comentó que Uruguay colocó dentro del contingente 15.792 toneladas de las 48.200 disponibles. “Superó a Estados Unidos en unas 600 toneladas, que exportó por debajo de las 15.200 toneladas”, informó Tardáguila. En tercer lugar se ubicó Australia con 13.400 toneladas. Además destacó la participación creciente de Argentina con 3.600 toneladas.

La cuota 481 es un cupo de carne de alta calidad, destinado a vacunos cuyos últimos 100 días previos a la faena hayan sido terminados en base a granos, que la Unión Europea otorgó a Estados Unidos (45.000 toneladas) y Canadá (3.200) como recompensa ante la prohibición del ingreso de carne bovina con hormonas. Posteriormente se abrió para terceros países y Uruguay logró ingresar.

Tardáguila comentó que el precio de exportación dentro del cupo se mantuvo estable durante el año agrícola 2016/17, aunque surgieron algunas pequeños cambios que fueron de la mano con las variaciones del Euro. Sin embargo, entiende que el problema con Europa no pasa con el precio, sino con el volumen y el cumplimiento de la cuota.

Contó que para el último trimestre del 2017 (segundo trimestre del año 2017/18) solo restan 3.000 toneladas disponibles para completar la cuota. Tardáguila dijo que en los primeros quince días de cupo los proveedores exportaron a un ritmo de 500 toneladas diarias. “Al cierre de octubre se debería completar el contingente y quedarían dos meses sin trabajos”, resaltó.

Es importante destacar que para el trimestre que corre la capacidad del cupo se mermó en 800 toneladas, dado que Canadá alcanzó un acuerdo de libre comercio con la Unión Europea que le otorga al país norteamericano un cupo de 50.000 toneladas y elimina el resto de los contingentes arancelarios que contaba con el viejo continente

Finalizó misión de Japón al complejo cárnico uruguayo

23/10/2017 - Comité Científico analizará datos y resultado de la auditoría.

Terminó la misión sanitaria de Japón en Uruguay y en las próximas semanas un comité de expertos analizará en suelo nipón toda la información recabada, sumando así un nuevo paso en el largo camino de habilitación de ese mercado para la carne vacuna uruguaya, desosada y madurada.

La primera misión de Japón en el marco del trabajo emprendido por Uruguay para reconquistar el mercado fue en febrero de 2015 y desde ahí se viene sumando información para conformar el denominado análisis de riesgo previo a la habilitación definitiva.

Uruguay es país libre de fiebre aftosa con vacunación y el reingreso al mercado —una vez habilitado—, será muy diferente al que tuvieron las carnes bovinas uruguayas previo al 2000, cuando Uruguay era país libre de aftosa sin vacunación.

Hoy únicamente se puede entrar en Japón con carne cocida y productos termo procesados —es un mercado de menor valor— luego que el Ministerio de Agricultura, Silvicultura y Pesca de Japón cerró el mercado tras el episodio de fiebre aftosa que sacudió el departamento de Artigas. Luego vino la epidemia de 2001 que afectó a todo el país y además del mercado japonés, Uruguay perdió su condición de país libre de aftosa sin vacunación.

Auditoría. Esta nueva misión fue conformada por un grupo técnico de alto nivel y tuvo por cometido ver los sistemas de producción de la ganadería uruguaya, la tecnología y el manejo de la carne que hace la industria frigorífica. Asimismo, se incluyó la revisión de documentación del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, vinculada con fiebre aftosa.

Todos los años Uruguay demuestra científicamente que está libre de la enfermedad y realiza controles exigentes —muestreros sanguíneos— que miden el nivel de inmunidad en el ganado y aseguran que no existe oferta viral a nivel de campo que represente un riesgo para la sanidad.



El sector privado junto al oficial, trabajan codo a codo para mantener la sanidad país, que independientemente del gobierno de turno, siempre fue prioridad de Estado.

Los técnicos japoneses visitaron un establecimiento ganadero en San José para conocer el sistema de producción, fueron a la oficina departamental del MGAP en Florida para revisar documentación y en Durazno se interiorizaron en el procesamiento del ganado durante su visita al frigorífico BPU Meat, empresa de capitales nipones propiedad del grupo NH Foods. Es el único frigorífico en manos de capitales nipones y pertenece a una empresa líder en la producción y exportación de proteínas de origen animal.

Finalmente, el pasado viernes, los expertos que llegaron a Uruguay en el marco de la nueva auditoría revisaron la sede de la Dirección de Laboratorio Veterinario “Miguel C. Rubino”, el laboratorio del MGAP que es referencia para Uruguay, consustanciándose sobre los controles que lleva adelante Uruguay para mantener alejada la fiebre aftosa. Según información recabada por El País los técnicos japoneses se retiraron muy conformes y así lo hicieron saber al final de la visita.

No se descarta que el Comité de Expertos que tiene a cargo analizar la información recabada por Japón en estos años sobre el avance de la sanidad agropecuaria uruguaya, pida ampliar o detallar algunos puntos del informe aportado por el MGAP. Una vez sorteado este paso, Uruguay deberá esperar la decisión política que marque la apertura.

A nivel de importadores hay interés y entusiasmo por la reapertura para la carne bovina uruguaya en el corto plazo y la industria frigorífica ya intenta sondear los productos en que los japoneses centran mayor interés, con la confianza en que se abriría un nuevo mercado en el que se podría colocar carne de ganado terminado a corral, que tiene un grado de grasa intramuscular superior, como gusta en Japón.

Llegó misión China a Uruguay para habilitar nuevas plantas frigoríficas

23 de octubre de 2017 El Director de Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería Agricultura y Pesca (MGAP) Eduardo Barre, confirmó a Tiempo de Cambio de Radio Rural que se encuentra en Uruguay una misión China, con la finalidad de habilitar tres nuevas plantas de faena vacuna y la renovación de una planta láctea

Se trata de plantas de mediano porte que aún no estaban exportando a China entre las que está el frigorífico Copayan.

Barre dijo que ya se mandaron informes a China para que se vuelva habilitar la exportación desde Frigorífico Carrasco, que fue suspendida por problemas con el etiquetado.

Opiniones encontradas sobre proceso de certificación de carne a China

26 de octubre de 2017 Las gremiales de productores en la Junta Directiva de INAC presentan visiones encontradas sobre el proceso de certificación de las exportaciones de carne a China. Entre los críticos, como la Asociación Rural, se destaca que el proceso de instalación de la certificadora pasa por fuera de la junta donde están presentes productores e industria.

Las diferencias entre las gremiales de productores están en los costos y ventajas que se tendría con un proceso de certificación que se dé directamente en el mercado uruguayo. Están los que ven este proceso como una garantía de acceso al mercado - Cooperativas Agrarias Federadas, Comisión Nacional de Fomento Rural- y los que ven riesgos similares a los que se dieron con el protocolo de soja con China, como la Federación Rural.

Manuel Lussich, delegado de ARU en la Junta de INAC apuntó a dos enfoques. Por un lado la certificación vista como un medio de simplificación del acceso a ese mercado. “Tener problemas de ingreso sería muy grave para nosotros. Y si tiene que volver algún contenedor el costo es prohibitivo. Suena mucho más razonable que esto salga ya certificado desde acá y que no tenga problemas de ingreso al llegar a destino”, dijo al programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

Sin embargo, el ruralista criticó que el tema no haya sido discutido en el seno de la junta de INAC. “No se discutió en junta, simplemente se nos comunicó que esto estaba firmado. No tuvimos una instancia que hubiera sido lógica, de poder juntar toda la información que hay sobre este tema y poderlo discutir a fondo”, sostuvo.

“Todo esto se inserta en una lógica que viene del ministerio básicamente, que agrega costos permanentemente a todas las operaciones contra algo que se verá, que a veces viene y a veces no viene, que es una suba en los valores. Un gasto conocido contra un beneficio desconocido”, criticó Lussich.

A principios de agosto una misión China visitó Uruguay como parte del proceso de certificación que inició en mayo, cuando una misión oficial -encabezada por el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre-visitó China.

En esa instancia el MGAP y la Administración General de Supervisión de Calidad, Inspección y Cuarentena (AQSIQ) acordaron apoyar la creación de un equipo de trabajo y una asociación estratégica basada en la complementación para fomentar la trazabilidad integrada y mejora de la calidad de la carne uruguaya, según se informó desde el gobierno al regreso del viaje.



El proceso “está medio verde todavía, pero se va avanzando”, dijo una fuente de INAC consultada.

PARAGUAY

Concluyó Reunión De Representantes De Siete Países (International Beef Alliance)

21 de Octubre de 2017 Líderes en exportación de carne buscan agilizar comercialización

En una reunión de la Alianza Internacional de la Carne, organización que nuclea a los siete países mayores exportadores de carne en el mundo, se compartieron experiencias sobre mesas de trabajo y producción sustentable, institutos de promoción e investigación, comercio internacional y trabas.

La International Beef Alliance (IBA) está integrada por Canadá, Estados Unidos, México, Australia, Nueva Zelanda y el Estado de Mato Grosso, Brasil, junto con Paraguay. Desde el domingo pasado representantes de estos países, mayores exportadores de carne en el mundo, visitan nuestro país. Recorrieron establecimientos ganaderos del Chaco y de la Región Oriental, al igual que plantas frigoríficas en los alrededores de Asunción.

Ayer, al mediodía, concluyó su reunión en el local de la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

Se discutieron temas tales como barreras paraarancelarias y elementos que bloquean el comercio internacional de la carne, cómo mejorar y agilizar el comercio de la proteína roja, así como la sustentabilidad, informó Carlos Pedretti, de la Comisión de Carne del gremio ganadero local.

Como parte de esta reunión, el jueves por la tarde se hizo un panel debate entre miembros de IBA y productores pecuarios nacionales, ocasión en que se compartieron experiencias sobre mesas de trabajo y producción sustentable, el instituto de promoción de la carne y la investigación y el comercio internacional. Pedretti mencionó que los citados países cuentan con un instituto de la carne, cuyas funciones apuntan a promocionar la exportación de ese alimento y mejorar la percepción de los consumidores en los mercados donde llega la carne paraguaya.

La formación de la mesa global de carne sustentable, capítulo paraguayo, también fue planteada en la reunión. “Analizamos con ellos y nos dieron las indicaciones de cómo en esos países más desarrollados están llevando adelante esas tareas”, dijo.

Otro tema que preocupa a esta organización de 7 países es la producción de carne en laboratorios, que tendrá impacto en el comercio de carnes mundiales.

Por su parte, Homero García, representante de la Confederación Nacional de Organizaciones Ganaderas de México, señaló que los 7 países que integran la Alianza Internacional de la Carne, en conjunto exportan más del 60% de la carne en todo el mundo.

Señaló que el gremio lucha por un libre comercio de este producto a nivel mundial. También pretende demostrar al mundo los esfuerzos que hacen por llevar a cabo una ganadería sustentable con el medio ambiente. La próxima reunión del IBA se hará en Canadá.

Piden instituto de la carne

“Si los seis países más grandes exportadores de carne del mundo vinieron al Paraguay y nos dijeron: señores de Paraguay, qué esperan para tener un instituto, yo creo que es suficiente material para que nuestras propias autoridades, la propia ARP y la Cámara Paraguaya de Carnes se motiven para llevar adelante de una buena vez la formación del instituto y solucionen estos problemas mencionados”, manifestó Carlos Pedretti, de la Comisión de Carne de la ARP, haciendo hincapié en la necesidad de contar con un instituto de la carne.

Preocupa futura comercialización de carnes hechas en laboratorios

22 de Octubre de 2017 La carne artificial se elabora en laboratorios en base a células y vegetales con una especie de sangre y otros productos. Todavía no se comercializa, pero se empezó a modo de prueba y podría demorar dos o tres años para que se ofrezca en supermercados, explicó el Ing. Carlos Pedretti, de la comisión de la carne de la ARP.

En la reunión de estos días en el local de la ARP de la Alianza Internacional de la Carne, que nuclea a los siete países mayores exportadores de carne en el mundo, se habló con preocupación de la producción de carne artificial hecha en laboratorios, que tendrá su impacto en la producción y el comercio de la proteína roja.

Al respecto, consultamos al Ing. Carlos Pedretti, de la Comisión de Carne de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), si en qué consiste la carne artificial. Respondió que se trata de un producto hecho en laboratorio con células de carne, al que se le agrega una especie de sangre para darle el color rojo, es una hemoglobina, dijo. Luego se le agregan productos vegetales, un poco de sal, otro poco de azúcar, aditivo y saborizante.

De todo eso sale un producto que tiene una consistencia tipo carne, pero que no es carne y, consecuentemente, no tiene todas las vitaminas, proteínas y elementos que tiene la carne bovina, indicó.



Manifestó que en la actualidad hay grandes inversionistas que aportan para producir ese tipo de carne. Mencionó entre otros a Bill Gate, Charles Bronson, Sergey Brin, quien es uno de los fundadores de Google. "Están dando dinero para empresas que produzcan esta carne y en el futuro sí habrá producción masiva y por supuesto que impactará al comercio mundial", apuntó.

Recalcó que es una realidad que hay que manejarla porque tendrá su impacto. Sobre todo se pide que cuando se comercialice el producto, cuente con el etiquetado correspondiente, de tal modo que el consumidor pueda diferenciar qué tipo de carne está comprando.

Preguntado si ese producto ya se está comercializando, respondió que no, pero que se está comenzando a hacer pruebas de laboratorio y que se están sacando los primeros prototipos. "Al ritmo del avance de la ciencia no va a demorar mucho tiempo para comenzar a comercializarse a nivel de supermercados. Calculo que en menos de dos o tres años podrán estar en las góndolas de supermercados de países desarrollados", dijo.

Células musculares

Sobre la carne de laboratorio, un reportaje de Ivonne Sánchez, del 2015, de Radio Francia Internacional, cita a Jean François Hoquette, científico del Instituto Nacional de Investigaciones Agronómicas en Francia (INRA). Este explica que el principio es tomar células madre que tienen gran capacidad de multiplicarse, para luego transformarlas en células musculares. Las células madres pueden ser extraídas a partir de aves de corral, de bovino, de porcino y cualquier tipo de animal.

UNIÓN EUROPEA

Acuerdo UE – MERCOSUR

Comisión publicó un informe sobre la última ronda de negociaciones. Ratificó intención de firmar el acuerdo

The Commission's report from the latest round of trade negotiations between the European Union and Mercosur - the block including Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay – is now online. The Commission has also made available online its negotiating proposal on the enforcement of the trade and sustainable development chapter. Both publications come as part of the Commission's commitment to a more transparent trade policy. Other EU negotiating proposals for an agreement with Mercosur are available here. During the round held between 2 and 6 October, all issues were covered and talks advanced in a number of areas. The round report includes details on all of them, including trade in goods and services, technical barriers to trade, government procurement, as well as intellectual property rights (including geographical indications). As regards market access, the EU fulfilled now its commitment by putting on the table the remaining elements of its market access offer in time with a view to reaching a political agreement by the end of the year. This is a well-calibrated offer that takes into account Europe's agricultural sensitivities. The EU remains committed to reaching a comprehensive, balanced and ambitious trade agreement with Mercosur. Both sides agreed to hold the next round in Brasilia from 6 to 10 November.

Ganaderos irlandeses a favor de la posición francesa frente al Acuerdo UE Mercosur

20 October 2017 EU - IFA President Joe Healy said Taoiseach Leo Varadkar must strongly support the tough stance taken by the French Prime Minister Emmanuel Macron on Mercosur.

The French Prime Minister insisted that the negotiations would be discussed at the EU Summit last night and he has warned against rushing into a deal with the South American countries, including Brazil, which would damage EU agriculture and especially the beef sector.

Mr Healy said, "The beef sector in Ireland is more important to our national economy than any other member state. The Taoiseach has recently raised the danger for Irish beef farmers in the event of a Mercosur deal with the Commission President Jean Claude Junckner, and we expect him to keep our concerns to the forefront at EU level."

Speaking at the EU Commission Civil Dialogue in Brussels earlier this week, IFA National Livestock Chairman Angus Woods told senior EU officials that the Commission was turning a blind eye on standards in the Mercosur negotiations to try and agree a deal regardless of the costs or consequences for European agriculture.

Mr Woods contrasted the high production standards involved in EU beef production with the complete lack of standards that apply to imports from countries like Brazil and other Latin American states. He said it is completely unacceptable that the EU Commission continues to accept this policy of double standards when it comes to imports.

"Our system of traceability means all calves are double tagged and registered on a central database, providing full traceability from birth to slaughter. In Brazil and other Latin American countries they have non-existent or unreliable tagging or traceability systems. Animals exported to the EU are often only



tagged 40 to 90 days pre slaughter. This is loosely enforced and sometimes tags are sent in the truck to the slaughter house with the cattle."

On movement controls, he said in Europe all details and movements are fully monitored and recorded on a central database and available at slaughter. In Brazil, there are no movement controls prior to animals arriving in the feed lots for the last 90 days. He said with no tagging or traceability, animals from unknown origin are exported to the EU and this has been confirmed many times by the EU auditors, the FVO (Food and Veterinary Office).

Mr Woods said there is strict control on all animal medicines used in Europe with all animal antibiotics under veterinary control and only available on prescription. Withdrawal dates/periods are fully adhered to and there is routine residue testing.

TheCattleSite News Desk

BREXIT: productores británicos solicitan apurar las negociaciones

25 October 2017 National Farmers Union UK - On 20 October, the European Council (Article 50), in an EU-27 format, reviewed the state of Brexit negotiations and adopted conclusions.

In light of these events, NFU President, Meurig Raymond, said: "With less than a year and a half until our departure from the EU, farmers and growers are fast running out of patience with both parties over the Article 50 negotiations. The time has come for both the UK and EU governments to acknowledge that businesses and individuals across Europe will suffer if a deal securing an ongoing and closely-integrated economic relationship is not reached.

"Farming is the bedrock of the UK's largest manufacturing sector, food and drink, an industry worth £109 billion. A no deal - in terms of a transition period or the long-term future relationship - would have severe affects for UK farmers and growers. With the vast majority of our exported farmed produce going to the EU, any impacts on food production and farming would have severe knock-on effects to the entire food supply chain, and ultimately the public.

"Furthermore, our access to a competent and reliable workforce, with many of our colleagues in the food and farming sector coming from the EU, would be severely curtailed. Many farm sectors are already struggling to fill job vacancies in the wake of the referendum vote, and further reduction in people available would see a corresponding reduction in investment in the industry, at a time when we are at one with the Government's desire to see growth in both productivity and output in our sector.

"Perhaps there is a glimmer of light at the end of the tunnel with the announcement that preparations for negotiations to move to the future relationship will now commence. However, we are under no illusion that this falls short of a decision to actually move the negotiations on.

"Negotiators must now show determination and recognise the urgency of acting consensually and considerately in reaching a Brexit settlement that works for farmers, the wider economy and the public."

Bienestar animal y el Brexit centran los temas de la 66ª asamblea de la UECBV

24/10/2017 Celebrada en Bucarest el pasado 20 de octubre

Bucarest, la capital de Rumanía, ha acogido la asamblea número 66 de la Unión Europea de la Ganadería y la Industria Agropecuaria (UECBV por sus siglas en francés). Los temas fundamentales del evento fueron los relacionados con el bienestar animal, una de las demandas actuales de la sociedad hacia la producción de alimentos de origen animal, y el Brexit como condicionante del futuro de las exportaciones cárnicas.

Albert Hortmann-Scholten, economista de la Cámara de Agricultura de Baja Sajonia, aseguró que se avecinan tiempos de cambios en materia de bienestar animal, limitaciones por cuestiones medioambientales así como la mejora de la competitividad y atender a las demandas de los consumidores.

Por su parte, Abel Mariné, profesor de Nutrición y Ciencia de los Alimentos de la Universidad de Barcelona, destacó la tendencia a los cambios de hábitos en los consumidores impulsados por la emoción pese a que la carne es un elemento irremplazable en la dieta por su aporte de vitaminas B12, zinc, hierro y OMEGA 3.

En la asamblea participó el comisario para la Salud y Seguridad Alimentaria de la Comisión Europea, Vytenis Andriukaitis, quien destacó la necesidad de garantizar una mejor aplicación de la legislación existente en materia de bienestar animal así como el cumplimiento con los compromisos ya alcanzados.

Ante esto, la recientemente creada Plataforma Europea para el Bienestar Animal es un ejemplo de cooperación en el que están involucrados tanto la industria cárnica como las autoridades competentes, el ámbito del I+D+i y las propias ONG que defienden el maltrato animal. El comisario de la UE confirmó el papel destacado de su institución en el campo del bienestar animal al anunciar la creación de un subgrupo sobre bienestar animal durante el transporte.



En estos temas la UECBV se comprometió a seguir siendo proactiva y apoyó una mejor aplicación de las normas a través de iniciativas no legislativas en el campo del bienestar animal, pero también en otras, como la higiene de la carne.

Para mostrar su compromiso, la UECBV presentó un documento sobre la higiene en la industria cárnica al Comisario de la UE. El documento tiene como objetivo crear una herramienta práctica complementaria para prevenir la contaminación de las carnes rojas. Se trata del fruto de un trabajo de 3 años y está disponible a consulta pública desde el pasado mes de septiembre y próximamente será examinado con el comité permanente SCoPAFF de la UE.

El comisario de la UE Andriukaitis dio una calurosa bienvenida a la iniciativa del sector para una mejor aplicación

Respecto al Brexit, Philippe Borremans, presidente de UECBV, instó a los negociadores a decidir pronto sobre los acuerdos de transición: "mientras los Jefes de Estado y los Jefes de Gobierno evalúan el progreso del procedimiento Brexit, la industria se enfrenta a una gran incertidumbre. El año pasado, la industria alimentaria de la UE que tenía tratos comerciales con empresas del Reino Unido ya tuvo pérdidas significativas (más de 500 millones de euros) debido al impacto de la devaluación de la libra esterlina. Eso afecta a muchos Estados miembros", destacó Borremans.

De cara al futuro la UECBV va a elaborar un informe sobre cómo va a afectar el Brexit y las distintas negociaciones al sector cárnico. En el informe se estima que se demostrará cómo se tienen que tomar decisiones constructivas "si la UE quiere evitar una crisis mucho más fuerte que la provocada por el embargo de Rusia a los productos agroalimentarios de la UE", destaca la organización cárnica europea.

ESTADOS UNIDOS

Opiniones encontradas sobre la futura evolución de los precios de la hacienda bovina

October 26, 2017 As grain prices remain fairly stagnant, momentum is gaining in the cattle complex. Cattle futures at the Chicago Mercantile Exchange (CME) are on fire this week after hitting contract highs. It's the livestock sector carrying agriculture's balance sheet the latter half of 2017 - a trend that could continue to wrap up

"The seasonal tendency in this market turns a little bit friendly for the month of November," said Joe Vaclavik, president of Standard Grain. "It's a little premature to talk about that but it's something a lot of traders looking forward to, especially as some of these contracts are making some fresh multi-month highs."

Cattle prices ended on a high note on Tuesday, gaining back momentum Thursday. The positive price action coming in spite of a large Cattle on Feed report, and growing cold storage stocks.

USDA says cattle placements are 13 percent higher than last year, the highest level since 2011. While the number is hard for a growing protein sector to swallow, a growing cattle herd comes as no surprise to many traders.

"If you go back and look at last month's Cattle on Feed report, it did have an impact on the market, it kind of set us back and it's taken from then until now to regain the ground that we lost," said Scott Dryer, grain and livestock specialist with Blue Reef Agri-Marketing.

"Feedlots have really taken advantage of the cheaper feed, the lower cost of grain they've got right now, they've got a lot of incentive to feed something," said Derrell Peel, livestock specialist with Oklahoma State University (OSU). "They loaded up on these bigger feeder cattle and they also loaded up in some cases on lighter weight cattle - I think it's just a matter of filling those feedlots up taking advantage of the volume that they've got available right now."

Dryer says traders in Chicago paid attention to the numbers in the latest cattle on feed report, but a larger herd is something the trade expected. As a result, it didn't phase the stronger prices.

"We were still within the range of trade estimates," said Dryer. "Then you got to take a step back and also look at show lists are down, carcass weights are starting to fall, boxed beef over \$200."

Dryer says that's a sign of strong demand, and it's that demand carrying prices.

"Even if we go back and look at large placement numbers from a kill standpoint, we're outpacing these large placement numbers, so we've got a lot of strength in it," said Dryer. "The bottom line is we've got demand that's keeping up with the market quite well."

"There's no major imbalances," said Peel. "We know we've got some supply challenges going forward but demand has been very good. And as long as that holds true then the rest of this stuff works pretty well."

The demand is surfacing domestically and abroad, as beef exports are holding strong. It's domestic demand that could hold in the coming months, especially with the holidays typically acting as a gift to the livestock markets.

"What we've got to realize is right around the corner we're coming into Thanksgiving and Christmas, so we'll start to hit another demand peak," said Dryer. "From a kill standpoint, the packers are going to have to



start looking at those numbers to get to production that we're going to need to come into those holiday seasons."

Dryer says if demand can keep pace and carcass weights remain low, the market looks favorable for prices. However, he says the roller-coaster of price volatility is here to stay.

"We've got that in the market, and it's going to be a very long time to get rid of it," said Dryer. "However, from this point forward, the market looks pretty good as we get through winter and start looking at that spring market."

Even with strong demand, Sterling Marketing president John Nalivka isn't as optimistic on prices, projecting futures to see pressure as the calendar flips to 2018. He questions if demand can keep up, mainly due to the growing total meat supply, for not only beef, but pork and poultry. Nalivka projects beef production to be up 6 percent this year, with another 2 percent increase in 2018. He thinks commercial pork production will increase 3 percent this year and another 4 percent next year.

"The issue I have is in 2007 we had record per capita meat supply at 222 pounds per person," said Nalivka. "In 2014, we had dropped that number to 202 pounds, due to record prices across the complex. That's a 10 percent drop in total red meat poultry supplies. Then, from 2014 to 2017, we've already gained back 8 percent of that per capita supply number back of around 218 pounds per person."

As Nalivka watches the protein sector grow, he thinks 2018 will be the year per capita meat consumption reaches the record supply level the industry saw in 2007.

"Maybe we have enough demand to pick up all that additional meat, but I question that," said Nalivka. "It's largely driven by export demand, so it's going to take exports to keep this pace, and export markets are driven by currency rates."

While the outlook on prices remains good for analysts like Dryer who is bullish on demand, he knows at some point hefty cattle prices will drive away demand.

"Eventually we'll have to price ourselves out of the market, and that may be part of what the market's searching for at this point is at what price are cattle too high and where will we hurt demand," said Dryer. "Apparently we're not there yet, so it seems that we've got some freeway to go."

Ingreso de vacunos a corrales en los niveles más altos de los últimos años

26 de octubre de 2017 En setiembre la cantidad de animales ingresados a feedlots en Estados Unidos creció 13,5% respecto a igual mes del año pasado llegando a un total de 2,15 millones de cabezas, según el último reporte del USDA. La cifra fue superior al promedio esperado por los analistas de un crecimiento de entre 7% y 8% interanual. Fue el mayor ingreso de vacunos a corrales para el mes de setiembre desde el año 2011 cuando se llegó a 2,415 millones de cabezas.

En tanto, el stock de ganado en feedlots al 1 de octubre fue de 10,813 millones de cabezas, un incremento de 5,4% respecto a igual fecha del año pasado. Según la agencia Reuters, el mercado esperaba un aumento de 4,6%. Las ventas de animales desde los corrales a plantas frigoríficas llegaron a 1,783 millones de cabezas, una suba interanual de 2,9% contra la expansión esperado por los analista de 2,6%.

Mayores stocks de carnes que doce meses atrás

26 October 2017 US - The combined inventory of beef, pork and poultry in cold storage at the end of September was 2.496 billion pounds, 2.2 per cent higher than the previous year and the largest amount of meat in cold storage since October 2002, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Red meat and poultry inventories have increased at a faster than normal pace in the last two months. September freezer stocks rose 2.5 per cent from the previous month compared to an average 0.6 per cent M/M increase in the last five years. But this is not necessarily a bearish indicator.

The increase in production has bolstered US exports and this implies that more beef, pork and chicken needs to be accumulated in storage before it is loaded in containers for export. We continue to urge that the cold storage numbers need to be viewed in the broader context of expanding US trade. The large inventory in cold storage underscores the need for robust US meat protein demand, both from domestic and export sources in Q4.

Total beef inventories at the end of September were 487.8 million pounds, 6 per cent less than a year ago. Beef inventories in September rose 2.4 per cent compared to the previous month. In the last five years September beef stocks have increased by an average of 5.1 per cent from August levels. This is another indicator that beef demand remains in good shape, with product flowing into the marketplace rather than being diverted into cold storage.

The seasonal increase in pork inventories during September outpaced that of recent years. This may be viewed as bearish by futures when they open today but in our view some caveats are warranted. At the end of September there were 616.3 million pounds of pork in cold storage, a 7.1 per cent increase from the previous month.



In the last five years September stocks have increased by an average 3.6 per cent from August levels. Last year the m/m inventory increase was 5.5 per cent. But consider what drove the m/m increase in pork freezer stocks. Ham inventories increased 13.8 per cent in September compared to an average 7.8 per cent increase in the last five years. However, the increase followed a slower than normal inventory build during August.

One way to read this is that end users that normally put away hams in August delayed this in anticipation of increasing September supplies and lower prices. When we look at the Jul - Sep ham inventory build, 2017 ham freezer stocks are up 19 per cent compared to an average 28 per cent build in the last five years.

Last year, the ham build Jul/Sep was 32 per cent. When viewed in this context, the increase in ham cold storage stocks may not be as bearish as it first appears. Normally ham inventories are depleted in Oct-Dec as end users prepare for year-end holidays. Export demand remains a key wild card considering the large supply in cold storage and record pork production in Q4.

Pork belly inventories increased modestly in September when normally stocks decline. However, August pork belly stocks were minimal so there was not much stock that needed to be depleted. It will be critical for the pork market to see some bellies move into storage during Q4 in order to be better prepared for any Q1 retail features. Last year, a combination of aggressive features and limited cold storage inventories caused pork belly prices to rise sharply in Q1.

Chicken supplies remain burdensome. Disruptions from Hurricanes Harvey, Maria and Irma may have significantly impacted chicken trade in September and caused product to be backed up in storage. Underscoring this, leg quarter inventories jumped 14.5 per cent for the month.

Aumento de las existencias potenciaría la recría

October 27, 2017 As of mid-October, calf and stocker cattle prices are down only about 2 percent from August, compared to the typical drop of 4 percent, while Oklahoma auction volume has been 11 percent higher year-over-year for the past six weeks.

All indications point to strong stocker demand despite large calf supplies, said Derrell Peel, Oklahoma State University Cooperative Extension livestock marketing specialist.

"It appears that abundant supplies of other forages have permitted stocker purchases despite delays in wheat pasture this fall," he said. "Fall armyworms have either damaged early-planted wheat or have prompted delays in wheat planting to reduce the risk of damage. Nevertheless, it seems that significant numbers of stockers are waiting in the wings on other forages until wheat pasture is ready."

Big feeder cattle – animals weighing more than 700 pounds – have not only failed to decline seasonally but have increased thus far this fall. Current prices for heavy feeders are about 8 percent above August levels.

"Strong feedlot demand for bigger yearlings is more than offsetting increased feeder cattle supplies," Peel said. "Feedlots continue to have an incentive to place and feed cattle and, with bigger feeder supplies, to focus more on yearlings than calves at this time."

Feedlot operators have the ability to be more selective about the kind of cattle they want to feed and the resulting demand for yearlings relative to middleweight feeders produces a more pronounced stocker signal in the form of a higher value of gain.

"It's typical this time of year to see middleweight feeder price weaken relative to heavy feeders but the tendency is even more evident with larger feeder cattle supplies," Peel said.

The stocker industry provides a number of production and marketing values for the cattle industry. It adds value to calves by assembling dispersed calf supplies into larger lots; sorting for uniformity; adding weight and age to feeder cattle, thereby improving health; and moving cattle closer to ultimate feedlot demand in the middle of the country.

As a general rule, the stocker industry provides flexibility in cattle production with more or less forage-based gains compared to grain-based gains in the feedlot as relative feed and forage values change.

"One of the most important roles of the stocker industry is to balance the flow of cattle into feedlots against the flow of calves coming from the cow-calf sector, both seasonally as well as across years," Peel said. "This shock absorber function is more critical when cattle numbers are growing."

Feedlot preferences to "buy pounds" in the form of heavy feeders rather than placing lighter feeders and adding more weight per animal in the feedlot necessarily translates into a signal for stocker producers to provide that additional weight gain on feeder cattle.

"As stocker producers respond to these signals, they are not only adding weight to feeder cattle but are spreading out feeder supplies over time," Peel said. "Larger cattle supplies allow feedlots to focus more on feeding yearlings and that, in turn, provides more opportunities for stocker producers to profitably add weight to calves to meet that feedlot demand."



Acciones de promoción estimulan ventas de carnes bovinas y porcinas en JAPON

23 October 2017 - Reaching consumers interested in trying new cuts of US pork and beef at a special celebration of meat, USMEF partnered with a major supermarket chain to conduct a "Meat Day" sales promotion in Japan.

Funded by the Pork Checkoff and the Beef Checkoff Programme, the effort included a variety of prizes for shoppers who purchased US pork or beef products.

An unofficial holiday in Japan, Meat Day enjoys an extensive following among families who treat it similarly to an American Thanksgiving Day, with shoppers flocking to retail stores to buy specially-priced meat they then prepare and share.

Social media has helped spur interest in the day, spreading recipes and ideas for new dishes.

USMEF has capitalized on Japanese consumers' special attention to meat, helping retailers select cuts well-suited for Meat Day promotions.

USMEF promoted US pork cuts sliced pork butt, pork loin for tonkatsu (pork cutlet), sliced pork loin and pork tenderloin. US beef cuts promoted were striploin, chuck-eye steak and sliced short plate.

Supermarket chain Max Valu Kyushu, a subsidiary of the Aeon Group, has 151 outlets in the Kyushu Region of Japan. With help from USMEF, the chain sold 16.3 metric tons of US pork (up 133 per cent year-over-year) and 14.7 metric tons of US beef (up 177.5 per cent) during the one-day promotion.

In addition to sales promotions across the region, 61 locations held "American Meat Lottery" events, in which shoppers who purchased US pork or beef products were able to cast lots to win US pork thick cut chops and a variety of merchandise featuring Gochipo, the US pork mascot.

"One of our objectives in 2017 is to strengthen US pork and beef sales in regional supermarket chains, and this 'Meat Day' event proved there is still potential for expanding US red meat sales to customers who frequent these stores," said Takemichi Yamashoji, USMEF director in Japan.

"The idea is to introduce new cuts alongside those that are already popular. We are increasing the red meat options for consumers, and this makes them more likely to purchase US pork or beef on future shopping trips."

VARIOS

BOLIVIA Se abre la puerta para la exportación de carne a RUSIA y CHINA

21 de octubre de 2017 Bolivia cuenta con un excedente de 15.000 toneladas anuales. Las negociaciones están muy avanzadas revelan las autoridades

El canciller de Bolivia, Fernando Huanacuni y el presidente de la Federación de Ganaderos de Santa Cruz, José Luis Vaca, anunciaron este viernes que se gestionan la exportación de carne a los mercados de Rusia y China.

Huanacuni dijo que el Estado, a través de su cuerpo diplomático, gestiona juntos con los ganaderos e industrias nacionales la venta a estos destinos.

Las negociaciones con China y Rusia, están bastante avanzadas, aseguró la autoridad. Y agregó que con China solo resta el aval de sus autoridades sanitarias y que todos los procesos, están en etapa final.

Por su parte, Vaca dijo que Bolivia cuenta con excedente de 15.000 toneladas de carne que tranquilamente China puede absorber. Destacó que si se obtienen todos los permisos el país podría duplicar su excedente.

NAFTA: se demora su renegociación

23 October 2017 Manitoba Pork Council - The Vice-President of the Canadian Global Affairs Institute says a planned one month break in negotiations aimed at modernizing NAFTA will allow interests in the United States that favor maintaining the agreement time to make their point, Bruce Cochrane reports.

After negotiations aimed at revamping the North American Free Trade Agreement hit an impasse, negotiators have decided to delay the start of Round 5 and extend the timeline for completing the talks.

Colin Robertson, the Vice-President and a Fellow of the Canadian Global Affairs Institute, says, from a Canadian and Mexican perspective, the feeling is that unless the Trump administration is prepared to show some flexibility an agreement not likely to be reached.

Colin Robertson-Canadian Global Affairs Institute

Canada and Mexico on their own will not be able to sway the administration.

What swayed the administration on Day 100 was particularly pushback from the farm community who said, "no, this NAFTA is working for them".

In fact, I think time is probably useful.

A Canadian expression, "we rag the puck for awhile," because this will give time for those who favor a renegotiated but not arbitrary North American Free Trade Agreement time to make their voices heard in the United States.



Many of them of course are people who voted for Trump within the business community, within the farm community and within the auto manufacturing community.

Our sense now is that the business community, through the US Chamber of Commerce, through the Business Roundtable, through the National Association of Manufacturers, through the Automakers, the Farm Bureau and others are now going to push back and start to explain why the NAFTA has worked for the United States.

Mr Robertson says there's a sense that the Trump administration is not terribly interested in having an agreement and at some point, rescind NAFTA.

However, he observes, if the broader community who favors freer trade makes their voices heard, that may persuade the administration to temper its demands and work things out.

TheCattleSite News Desk

CHILE Quejas por el posible monopolio en la venta de carne a nivel sudamericano

25/10/2017 Carlos González, presidente de la Federación Gremial de Productores de Ganado Bovino (Fedecarne) en Chile, ha hecho declaraciones a Radio Sago en este país en la que aseguran que han pedido a la Fiscalía Nacional Económica para que averigüe las implicancias en el mercado nacional que tiene el hecho de que buena parte de la producción cárnica en Paraguay y Uruguay, dos de los principales exportadores de carne de vacuno a Chile estén en manos de Minerva, firma brasileña.

Esta compañía compró la pasada primavera a JBS sus operaciones de carne de vacuno en Argentina, Uruguay y Paraguay. De acuerdo con González, la concentración en un monopolio sudamericano de la carne, afecta la libre competencia y a empresas faenadoras y a productores de ganado bovino en Chile.

Ante esto, Fedecarne pide que las autoridades chilenas tomen nota y actúen dada la gravedad que implicaría una excesiva concentración en la importación y venta de carne de vacuno, porque podría tener consecuencias por la posición dominante que tendría una empresa o un pequeño grupo de estas.

EMPRESARIAS

JBS nombra a Jeremiah O'Callaghan como presidente del Consejo de Administración

GIRO DO BOI 23/10/17 - por Equipe BeefPoint O executivo Tarek Farahat renunciou nesta sexta-feira (20) à presidência do conselho de administração da JBS. Ele será substituído por Jeremiah O'Callaghan, diretor de relações com mercado da companhia e funcionário da confiança dos irmãos Joesley e Wesley Batista.

Farahat passará atuar como "global advisor" do grupo e permanecerá no conselho da subsidiária americana Pilgrim's Pride. O executivo foi presidente da P&G no Brasil e era considerado uma das grandes contratações realizada pela família Batista.

De origem egípcia, Farahat ocupava a presidência global de marketing da JBS quando assumiu a presidência do conselho de administração. Ele substituiu Joesley, que foi obrigado a se afastar dos negócios por conta das investigações Polícia Federal.

De acordo com pessoas próximas ao executivo, Farahat estava incomodado com os escândalos envolvendo a JBS, que culminaram na prisão dos Batista, e também gostaria de passar mais tempo no exterior.

Para o seu lugar, foi eleito o irlandês Jeremiah O'Callaghan, que trabalha com os irmãos Bastista há 21 anos.

Com passagens pelos frigoríficos Mouran e Bordon, que foram comprados pela JBS, Jerry, como é conhecido, chegou a empresa para estruturar a área de exportação. Ele participou da abertura de capital da JBS e hoje é responsável pela interlocução com o mercado e os órgãos reguladores.

A família Batista optou por Jerry, porque José Batista Sobrinho, patriarca do clã, assumiu recentemente a presidência executiva da empresa após a prisão de Wesley. Pelas regras de governança do novo mercado, ele não poderia ocupar os dois cargos.

Também ocorreram outras mudanças no conselho de administração da JBS. O executivo Noberto Fatio, que já trabalhou na Unilever, deixou o colegiado e vai permanecer apenas em alguns comitês.

Junto com Sérgio Waldrich, ex-presidente da Bunge, Fatio era um dos conselheiros independentes da empresa.

Ele será substituído por Wesley Filho, que vem sendo preparado pela família para tocar os negócios e assumiu recentemente a presidência da JBS na América do Sul. Com apenas 27 anos, ele já presidiu as operações do grupo no Uruguai, Paraguai e Canadá e a divisão de bovinos nos Estados Unidos.

Também assumiram seus assentos no conselho nesta sexta-feira os dois novos representantes do BNDES: Cledorvino Bellini, ex-presidente da Fiat, e Roberto de Penteadó de Camargo Ticoulat, ex-vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo. Ticoulat é muito próximo do atual presidente do BNDES, o economista Paulo Rabello de Castro.

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.



JBS firmó un acuerdo con la Comisión Parlamentaria de Mato Grosso do Sul

26/10/17 - por Equipe BeefPoint A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Irregularidades Fiscais e Tributárias de Mato Grosso do Sul oficializou na quarta-feira, 24, com a JBS o acordo para troca de garantias referentes aos R\$ 730 milhões em bens e recursos da empresa que foram bloqueados, após a comissão comprovar irregularidades nos contratos firmados com o Estado. As informações são da assessoria do presidente da comissão, deputado Paulo Corrêa.

No acordo, a JBS disponibilizou as duas unidades frigoríficas de Campo Grande e mais três áreas localizadas próximo ao aeroporto da capital, Campo Grande, em troca dos outros imóveis e de R\$ 73 milhões em dinheiro que já haviam sido bloqueados. As cinco propriedades oferecidas em garantia somam 391 hectares de área total e estão avaliadas em R\$ 756 milhões.

A assinatura do acordo, que já havia sido anunciado na última sexta-feira, agora será homologado pelo juiz Alexandre Antunes da Silva, da 1ª Vara de Direitos Difusos, Coletivos e Individuais de Campo Grande. Dentre as cláusulas estabelecidas pela CPI para firmar o acordo estão a não redução das vagas de emprego nos sete frigoríficos instalados no Estado e a continuidade dos abates, garantindo assim o funcionamento normal das unidades, além da estabilidade da pecuária local e do mercado da carne.

O documento prevê também que, caso a JBS não cumpra o acordo, volta a valer a primeira decisão de bloqueio de R\$ 730 milhões, incluindo dinheiro depositado nas contas da empresa.

Mesmo assinando o acordo, a JBS alega que cumpriu partes dos Termos de Acordo de Regime Especial (Tares) e pediu uma nova análise à Secretaria de Fazenda para confirmar o valor final devido ao Estado pelo descumprimento das obrigações.

A empresa afirmou, ainda, que vai contratar uma auditoria externa para fazer o mesmo levantamento. Com isso, em um prazo de 120 dias, JBS e Estado devem fazer uma nova reunião para definir o valor devido e, no fim da ação judicial, caso a empresa deixe de pagar o valor apurado, os imóveis bloqueados hoje como garantia passam a ser patrimônio de Mato Grosso do Sul.

Juez suspendió el bloqueo de fondos a los Hermanos Batista

26/10/17 - por Equipe BeefPoint O juiz federal João Batista Gonçalves, titular da 6ª Vara Criminal de São Paulo, suspendeu antontem o bloqueio de R\$ 238 milhões dos irmãos Joesley e Wesley Batista, donos da J&F Investimentos. Em troca, os irmãos apresentarão um seguro-garantia no mesmo valor.

A pedido do Ministério Público Federal (MPF), o magistrado havia autorizado o bloqueio dos recursos em 16 de setembro, quando aceitou a denúncia contra os irmãos e os transformou em réus por crimes de informação privilegiada (insider trading) e manipulação de mercado. Os irmãos foram acusados de lucrarem com a delação.

Basicamente, os R\$ 238 milhões representam a soma do ganho potencial de R\$ 100 milhões que a JBS teria se tivesse desfeito sua posição no mercado futuro de dólar no dia 18 de maio – a empresa comprou dólares antes da delação vir à tona – com os R\$ 138 milhões que os irmãos Batista deixaram de perder com a venda de ações da JBS antes do vazamento da delação, em 17 de maio. Os irmãos Batista venderam ações da JBS em abril e maio. Em manifestação ao juiz, o MPF concordou com a substituição do bloqueio por um seguro-garantia, também porque não foram encontrados R\$ 238 milhões nas contas dos irmãos, por insuficiência de saldo.

Em outra decisão judicial favorável aos Batista, a JBS anunciou ontem que a Justiça de Mato Grosso do Sul homologou o acordo feito na sexta-feira pela empresa e a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa que investiga irregularidades tributárias. Com isso, a companhia teve cerca de R\$ 730 milhões desbloqueados.

Os recursos estavam bloqueados a pedido da CPI, que busca ressarcir o Estado de Mato Grosso do Sul pelo não cumprimento de acordos de incentivo fiscal firmados pela JBS. Em sua delação, o ex-presidente da empresa, Wesley Batista, admitiu ter pago mais de R\$ 150 milhões em propina a diferentes agentes públicos do Estado para obter os incentivos. A JBS não cumpriu todos os investimentos que se comprometeu a fazer para obter os benefícios fiscais.

Para ter os recursos desbloqueados, a JBS aceitou dar cinco imóveis em garantia enquanto a Secretaria da Fazenda de Mato Grosso do Sul apura o tamanho da dívida da empresa devido ao não cumprimento de acordos de incentivos fiscais.

Uma fonte próxima à JBS argumenta que, diferentemente do que estimam os parlamentares, a empresa não descumpriu os acordos de benefício fiscal integralmente, mas parcialmente. Sendo assim, a dívida da empresa não deverá ficar em R\$ 730 milhões, já que esse seria o montante estimado pelo descumprimento total dos incentivos.

A Secretaria da Fazenda de Mato Grosso do Sul informou na sexta-feira que o apuração demanda tempo devido ao grande volume de documentos. Até agora, a secretaria identificou R\$ 1,7 milhão em irregularidades.

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint.



Marfrig aclara sobre la Operação Acrônimo

24/10/17 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods informou hoje, em comunicado enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que a Polícia Federal (PF) concluiu o relatório final da Operação Acrônimo e não indiciou a empresa ou qualquer um de seus executivos da companhia.

Em meio ao não indiciamento, as ações da Marfrig registram hoje uma das maiores alta dos Ibovespa. Há pouco, os papéis da companhia subiam 1,88% na B3, cotadas a R\$ 6,51.

Quando a Operação Acrônimo estava fase de investigação pela PF, a Marfrig foi alvo de busca e apreensão. Os investigadores apuravam supostas irregularidades na campanha do governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel (PT). Agora indiciada pela PF, a esposa de Pimentel, Carolina Oliveira, mantinha um contrato com o Instituto Marfrig.

Cargill adquire empresa de nutrição animal en Brasil, amplia su foco en bovinos

Fonte: Reuters, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 27/10/17 - por Equipe BeefPoint

A Cargill fechou a primeira compra de uma empresa no segmento de nutrição animal no Brasil, numa estratégia que prevê investimentos para expansão orgânica e novas aquisições, em um mercado que cresce a uma taxa de 3 a 5 por cento ao ano no país embalado pela força da indústria do maior exportador de carnes de frango e de bovinos.

O acordo anunciado nesta sexta-feira envolve a compra de 100 por cento dos ativos da Integral Nutrição Animal, incluindo fábrica localizada em Goianira, nas proximidades de Goiânia, e um portfólio de produtos da empresa, cujo foco é a produção de sal mineral, alimento bastante consumido pelo gado de corte numa região que é uma das principais produtoras de bovinos do Brasil. O valor do negócio não foi revelado.

Com a aquisição da Integral, que tem faturamento de 80 milhões de reais por ano, a Cargill Nutrição Animal avança no mercado de alimentos para bovinos de corte no qual quer ser uma das líderes, posição que a empresa já ocupa na comercialização de suplementos minerais e premix vitamínicos para a ração de bovinos de leite, aves e suínos.

A compra da Integral dobra a participação da Cargill no segmento de sal mineral para gado de corte, para apenas 2 por cento, em um mercado no Brasil ainda bastante pulverizado com muitas empresas regionais e de pequeno porte, suscetíveis a novas investidas da gigante global do agronegócio.

Se essa fatia de mercado em bovinos de corte ainda é relativamente pequena, a aquisição da companhia no Centro-Oeste permite que a unidade brasileira da multinacional norte-americana coloque os pés em uma região com forte produção de gado de pasto, que complementa sua alimentação com o sal mineral.

A Integral atua ainda em Tocantins, Mato Grosso e Pará, que estão entre os grandes produtores de bovinos do país.

Para diretor-geral da Cargill Nutrição Animal no Brasil, Celso Mello, a aposta em nutrição animal ocorre porque esse setor no Brasil tende a crescer ainda mais, uma vez que o país tem uma indústria de carnes estruturada, o que dá uma "avenida de oportunidades para o Brasil" avançar na produção de carnes com ganhos de produtividade e na exportação, diante do crescimento da demanda global por proteína animal.

A maior parte do investimento da Cargill em nutrição animal em 2016 e 2017, que somou cerca de 50 milhões de reais (valor que exclui a aquisição da Integral, não revelado), foi feita em bovino de corte. Somente para a expansão de uma linha de produção de sal mineral na unidade de Itapira (SP), a empresa investiu neste ano 30 milhões de reais.

O acordo anunciado nesta sexta-feira pela Cargill no mercado brasileiro de nutrição animal segue-se a negócios recentes mundo afora no setor em aditivos alimentares naturais, envolvendo companhias como a Diamond V (EUA), anunciado esta semana, e a Delacon, fechado há cerca de quatro meses.

A aquisição da Integral, uma empresa de 31 anos, disse o executivo da Cargill, ocorreu muito em função de a empresa goiana ter um modo de trabalhar semelhante ao da multinacional, próximo ao cliente. Além disso, acrescentou Mello, a Integral complementar o negócio de nutrição de bovinos da empresa, já que Cargill tem participação relevante em suplementos para a ração do gado confinado.

"É um negócio que não tem sobreposição com o que temos." Se os principais concorrentes do setor de trading e processamento da Cargill (ADM, Bunge e Louis Dreyfus, entre outras) não atuam em nutrição animal no Brasil, disse Mello, a empresa tem concorrentes globais no segmento, como a DSM, que adquiriu há alguns anos a Tortuga, líder no mercado brasileiro de nutrição para bovinos.

O acordo entre Cargill e Integral ainda precisa ser aprovado pelas autoridades no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), mas o executivo não vê problema para obter o aval nos próximos meses, já que a multinacional ainda tem pequena participação de mercado.